

UM CONTO SOBRE O MAR

FAZIL ABDULOVITCH ISKANDER*

TRADUÇÃO DE GABRIELA SOARES

Eu não me lembro de quando aprendi a andar, em compensação lembro-me de quando aprendi a nadar. Aprendi a nadar quase há tanto tempo como quando a andar, mas aprendi sozinho, agora, quem me ensinou a andar eu não sei. Os pequenos eram criados de modo coletivo. A nossa casa estava sempre cheia com todos os meus primos e primas. Eles desciam das montanhas, vinham das aldeias dos arredores para se matricularem nas escolas e colégios técnicos e, ao fazê-lo, passavam pela nossa casa opaca como por um túnel. Entre eles havia não poucas pessoas divertidas e interessantes; eu gostava de algumas delas, mas, ainda assim, o mar agradava-me mais, e por isso eu escapulia para lá sempre que podia.

No verão, o mar era uma festa diária. Bastava eu e os outros meninos sairmos do pátio e já uma certa alegria ruidosa punha asas nos nossos pés – rápido, rápido! Atravessávamos a cidade inteira correndo ao encontro do mar.

O final da rua ia de encontro à muralha cinzenta de uma fortaleza. Atrás dela ficava o mar. A fortaleza como que tentava ocultar o mar da cidade, mas não se saía bem nisso. A maresia, sempre forte e fresca, trespassava a barreira de pedra tranquila e até zombeteiramente...

* Nasceu em 1929, na cidade de Sukhumi, na Abkhazia, região em conflito separatista com a Geórgia. Jornalista, poeta e prosador, Iskander é atualmente uma das figuras mais importantes da literatura russa contemporânea. Ficou conhecido na URSS por representar a cultura abkhaza em sua obra de maneira bastante peculiar, isto é, sem tornar-se um escritor regionalista, buscando afirmar suas raízes em contraposição a uma cultura dominante e, tampouco negando-as; há um amálgama entre as identidades – russa e abkhaza – que convergem para um universo complexo e único.

A fama de Iskander se deu após a publicação da novela satírica *Sozvezdie Kozlotura* (A Constelação do capriuro) em 1966. Nela, encontram-se temas e procedimentos que caracterizam boa parte de sua obra: a ironia, o humor, o grotesco e a nostalgia do passado – essa última característica é a que se apresenta mais marcante na tradução do conto aqui apresentada.

O romance *Sandro iz Tchegeta* (Sandro de Tcheget) (1989) é considerado uma de suas obras mais importantes, rendendo-lhe comparações com o realismo mágico de Gabriel García Márquez. Ganhou os prêmios Púchkin (1993) e Triumph (1999).

Outras obras importantes: *Rasskazy o Tchike* (Contos de Tchik), *Pchada*, *Sofitchika*, *Kroliki i Ydavy* (Coelhos e serpentes).

Parece-me que se uma pessoa que jamais tivesse visto o mar fosse levada até aquela muralha, ela adivinharia, até na mais completa calmaria, que atrás dela vive algo poderoso e belo, e não sosseitaria enquanto não o tocasse.

Até a revolução, a fortaleza fora uma prisão, e só antes é que ela fora propriamente uma fortaleza. De uma fortaleza é fácil fazer uma prisão, e de uma prisão é possível fazer uma fortaleza. Entre as ruínas conservou-se a cela onde diziam que esteve Sergo Ordjonikidze,¹ então ainda um enfermeiro do distrito de Gudaúta.²

Por uma janelinha achatada como uma fresta, ele olhava para longe, como um tanquista de dentro do seu tanque. A janelinha permitia-lhe olhar apenas numa única direção, a do mar. A pessoa que deve olhar apenas numa direção, ou não vê nada, ou vê mais do que aqueles que a obrigaram a olhar numa mesma direção. Se, nas longas horas de encarceramento e solidão, ele visse apenas um pedaço do mar, riscado pelas barras de ferro, ele se resignaria ou ficaria louco. Mas ele via mais e por isso venceu.

Em tudo isso, então nós não pensávamos. Atravessávamos o pátio da fortaleza que sempre cheirava gostosamente a peixe frito, em frente às casas de pescadores caiadas vivamente. A roupa branca, pendurada nos varais, agitava-se cheia de vento, a proximidade do mar não lhe dava sossego, e as fraldas imitavam velas.

E, finalmente o mar! Imenso e inesperado, ele irrompia pelos olhos e envolvia com o seu persistente frescor salgado. Na maioria das vezes não tínhamos paciência de ir andando até ele, nós descíamos correndo rapidamente por um atalho e, não conseguindo frear, voávamos para a água morna e cariciosa.

Quando chegou a época de procurar tesouros, um colega meu da escola cochichou-me que vira moedas de ouro num lugar no mar. Depois de jurarmos não contar a ninguém o segredo, nós nos separamos até o dia seguinte. À noite dormi mal: remexia-me, levantava aos saltos, na impaciência da chegada do amanhecer. Mal começara a clarear, eu levantei e, na pontinha dos pés, esgueirei-me para fora. Nós nos encontramos junto à velha fortaleza. Por algum motivo falávamos cochichando, embora por meio quilômetro em redor se estendesse a praia deserta. Fazia frio pela manhã e a água marulhava baixinho aos nossos pés. Trepamos nas ruínas da muralha da fortaleza, molhadas do orvalho matinal, e cautelosamente arrastamo-nos para a beirada dela. Deitamos de bruços e pusemo-nos a olhar. Após algum tempo o meu companheiro meteu o dedo na água. Com a cabeça pendida, trêmulo de emoção, eu aprofundava a vista, mas não via nada, exceto os contornos imprecisos do fundo. Mas ele queria muito que eu visse as moedas. E, finalmente, eu as vi. Como que se mexendo, elas cintilavam misteriosamente através da camada de água. Era possível ver claramente as moedas apenas por um breve instante, quando uma onda já passara e a outra ainda não chegara.

¹ Grigori Konstantinovitich Ordjonikidze (1886-1937), mais conhecido como Sergo Ordjonikidze, foi um revolucionário e, posteriormente, membro do Politburô soviético; além disso, era amigo próximo de Stálin.

² Cidade da Abkhazia situada na região do mar Negro.

Ficamos só de calção e começamos a mergulhar. A água ainda estava muito fria, estávamos em abril ou no início de maio. Eu mergulhei várias vezes, mas não atingi o fundo. Faltava-me fôlego e os ouvidos doíam terrivelmente.

Então eu ainda não sabia que era preciso mergulhar com o corpo inclinado e não na vertical, como eu fazia. Quando se mergulha em ângulo inclinado, a distância percorrida até ao fundo é maior, em compensação é mais fácil avançar e, principalmente, os ouvidos acostumam-se com a pressão da água e não doem.

Todas as vezes eu quase atingia o fundo; parecia que era só eu estender a mão para apanhar as moedas, mas eu era enganado pela transparência da água. Até que me ocorreu a ideia de lançar-me do alto de uma rocha para mergulhar mais fundo por conta da inércia do salto. Eu caí na água com fragor e, sem dificuldades, cheguei ao fundo. Depois de agarrar algumas moedas junto com um punhado de areia, tomei impulso com força para cima e emergi. Agarrei-me com uma mão numa pedra saliente e cuidadosamente levantei a outra. A areia escorreu da palma da minha mão com fiozinhos acanhados e nesta brilhavam duas tampas de metal, normalmente usadas em garrafas de água mineral. Evidentemente, algumas pessoas haviam feito um banquete sem bebidas alcoólicas, reunidas naquela massa de pedra. Saiu-nos caro aquele banquete com água *Narzannii*³! Com dificuldade, depois de enfiar as pernas e os braços na roupa, ficamos um bom tempo saltitando e correndo pela praia, até nos aquecermos. O mar nos fizera de bobos.

Eu gosto deste lugar. Aqui podia-se aquecer ao sol por horas, deitado na pedra, observando preguiçosamente as embarcações a motor com seus rolos de fumaça, os veleiros que pareciam pairar sobre as águas. Sobre as pedras havia caranguejos que nós apanhávamos espetando-os com um varão afiado de ferro. O mar, nesses lugares, avança sobre a margem: é possível sair nadando e, a uns vinte metros da margem, tatear com os pés parte das ruínas enferrujadas da muralha, ficar parado sobre ela com a água até o peito e com um movimento leve dos braços manter o equilíbrio.

Eu gosto deste lugar. Aqui eu uma vez aprendi a nadar e aqui, também, por pouco não morri afogado. Normalmente gostamos daqueles lugares onde passamos grandes perigos, se este não foi obra da infâmia alheia.

Ficou gravado na minha memória o dia em que aprendi a nadar, em que senti com todo o corpo que conseguia flutuar na água e que o mar me mantinha na superfície. Eu devia ter uns sete anos quando fiz essa grandiosa descoberta. Até então, eu me debatia na água e, talvez, até nadasse um pouco, mas isso só se eu soubesse que a qualquer instante eu poderia alcançar o fundo com os pés.

Mas naquele dia a sensação era completamente nova, como se eu e o mar tivéssemos passado a compreender um ao outro. Eu, então, podia não apenas andar, ver e falar, senão também nadar, isto é, não ter medo dos lugares fundos. Eu aprendi sozinho! Enriqueci sem com isso haver roubado de ninguém.

Não longe da margem, sobressaía da água um pedaço esverdeado da muralha da fortaleza, de vez em quando encoberto por uma leve onda. Eu nadava até ele,

³ Marca de água mineral da região do Cáucaso.

deitava de bruços e descansava. Aquilo parecia uma viagem a uma ilha desabitada. A propósito, a ilha não era tão desabitada. Às vezes, da onda que passava ficava um caranguejo que largava desajeitadamente a correr para a extremidade da pedra e, do seu esconderijo, seguia meus movimentos com olhos maus, de dono do lugar. Se eu olhasse para a água, podia ver alguns peixinhos prateados, que passavam em grande velocidade e, de repente, ascendendo-se como fagulhas de um pedaço de tição batido em alguma coisa.

Às vezes, eu me deitava de costas e quando uma onda passava sobre mim, eu via o disco do sol, que balançava suavemente.

Em redor de mim, na água e na margem, havia muita gente. Era fácil reconhecer os hóspedes das casas de repouso pela brancura exagerada de seus corpos ou pelo tom artificial do bronzeado. No topo de um bloco de rochas amontoados na margem, estava sentada uma moça de maiô azul. Ela lia um livro, ou melhor, fazia ares de quem o lia, ou mais precisamente, fingia que tentava lê-lo. Ao seu lado estava sentado de cócoras um rapaz com uma camisa branca como a neve e com sapatos novinhos, pretos e brilhantes como o dorso de um golfinho. Ele lhe dizia algo. De vez em quando, a moça atirava a cabeça para trás, ria e entrefechava os olhos, não por causa do sol e não porque o rapaz estava sentado perto demais e a olhá-la nos olhos de modo excessivamente direto. Parando de rir, ela baixou decididamente a cabeça para ler, mas de novo o rapaz dizia-lhe algo e novamente ela ria; os seus dentes brilhavam como a espuma ao redor de um rochedo e como a camisa do rapaz. O tempo todo ele atrapalhava agradavelmente a sua leitura. Eu os observava da minha ilhota e, apesar de nada entender desses assuntos, compreendia que a situação era prazerosa para ambos. De vez em quando, ele virava a cabeça e olhava de relance na direção do mar, como se o convidasse para testemunhar. Ele olhava alegre e seguro de si, como convém a uma pessoa a quem tudo corre bem e ainda correrá por muito tempo. Era-me agradável vê-los, eu estremeia da vaga e doce certeza de que um dia aquilo também se passaria comigo.

Por causa do longo banho eu tiritava de frio, mas, não tendo conseguido esquentar-me como deveria, de novo meti-me na água. Eu temia que o milagre não se repetisse e eu não conseguisse flutuar.

Até o rochedo e de volta, uma vez. Até o rochedo e de volta, pela segunda vez, até o rochedo... E, de repente, compreendi que eu afundaria. Queria respirar, mas engoli água. Ela era amarga como sal, fria e hostil. Tomei impulso com toda força e emergi. O sol bateu-me no rosto, eu ouvi o barulho de uma onda, risos e vozes, vi o rapaz e a moça.

Não sei porque, ao vir à tona, não gritei. É possível que eu não o tenha conseguido, é possível, porque o medo tinha me deixado sem fala. Mas o pensamento funcionava com clareza. Por eu não poder gritar, aquilo foi aterrorizante, como costuma acontecer nos sonhos, e eu, naquela aflição medonha, esperava que o rapaz se virasse para a direção do mar. Mas, de repente, ocorreu-me a desagradável hipótese de que ele não pularia na água com aquelas calças tão bem passadas, com aquela camisa branca como a neve e, que eu, de modo geral, não valia o estrago daquelas coisas tão belas. Com esse pensamento triste, de novo afundei, a água me pareceu turva e indiferente. Depois de engolir muita água, novamente eu

emergi e de novo o sol golpeou os meus olhos e, em torno de mim, ouviram-se vozes de gente com uma clareza decuplicada. E tanto mais lamentável era morrer afogado tão perto da margem.

Da segunda vez, eu emergi um pouco mais perto da rocha em que eles estavam sentados, e, então, eu vi bem de pertinho o sapato do rapaz, preto, lustroso, com o laço apertado do cadarço. Eu até pude ver que ele tinha ponteiros de metal.

Lembrei-me de que tais ponteiros, nos cordões das minhas botinas, por alguma razão, perdiam-se com frequência, e as pontas dos cordões ficavam felpudas como pincéis e era difícil passá-los pelos furinhos das botinas. Eu andava com os cadarços desatados e por isso ralhavam comigo. Com essa lembrança, eu sentia ainda mais pena de mim.

Quando eu afundava de novo, subitamente notei que o rapaz virara na minha direção e algo perpassara no seu rosto, como se ele tentasse a custo lembrar-se de mim.

“Sou eu, sou eu! – eu queria gritar. – Passei nadando na frente de vocês, vocês têm que se lembrar de mim!” Eu até tentei fazer uma cara zangada; eu temia que a aflição e o medo a tivessem desfigurado, que o rapaz não pudesse me reconhecer. Mas ele me reconheceu, e afogar-me pareceu uma coisa tranquila, e eu já não impus resistência à água, que se fechara sobre mim.

Algo me agarrou e me jogou para fora da água. Quando eu caí no chão, voltei a mim e compreendi que o rapaz, apesar de tudo, me salvara. Da alegria e do calor, que pouco a pouco se espalhava pelo meu corpo, senti vontade de ganir baixinho em agradecimento. Mas eu não apenas não agradeci, como, em silêncio, deitei imóvel com os olhos fechados. Eu estava certo de que o meu salvamento não valia a roupa molhada dele, e tentava justificar-me com a seriedade da minha situação.

– É preciso fazer respiração boca a boca. – ressoou a voz da moça acima de mim.

– Ele está voltando a si. – respondeu o rapaz, e eu ouvi o barulho da água dentro dos seus sapatos.

Eu sabia o que era respiração boca a boca e por isso prendi imediatamente a respiração. Mas aí algo subiu-me a garganta e da boca começou a sair água. A contragosto, eu abri os olhos e vi o rosto da moça inclinado para mim. Ela estava de joelhos e batendo com força os cílios descorados, olhava para mim com pena e carinho. Depois, ela colocou a mão quente e agradável sobre a minha testa. Eu me esforçava para não me mexer e afugentar-lhe a palma da mão.

– Isso é fingimento teu. – disse o rapaz voltando-se para mim e tirando a camisa.

A camisa ficara escura, mas o colarinho estava branco como antes: a água não chegara até ali. Quando ele começou a falar, eu compreendi que não teria de pagar pelo prejuízo sofrido por ele. Eu me concentrei e continuei a fingir: eu estava gostando de ter tanta água na barriga. Pois isto significava que eu, apesar de tudo, estivera a afogar-me de verdade.

– Vais meter-te a nadar de novo? – perguntou-me o rapaz, torcendo com força a camisa.

Ele ficou só de calção. Bem posto e forte, ele continuava elegante até desse jeito.

– Não vou mais – respondi de bom grado. Eu queria agradecer-lhe.

– Pois deverias – disse o rapaz, pondo-se a torcer a camisa com mais força ainda.

Eu decidi que aquele era um adulto incomum e que eu deveria agir também de forma incomum.

Eu me levantei e, cambaleando, fui para o mar, nadei com facilidade até a minha ilhota e, com a mesma facilidade, nadei de volta. O mar devolvia-me a força tirada pelo medo. Nesse meio tempo, o rapaz ficara à margem a sorrir para mim e eu nadara em direção ao seu sorriso como um náufrago em direção a uma boia salva-vidas. A moça também sorria, olhando de vez em quando para ele e era visível que tinha orgulho. Quando eu saí da água, eles caminhavam lentamente ao longo da margem e a moça segurava nas mãos o seu livro inútil, finalmente fechado. Eu me deitei sobre as pedras quentes, tentando apertar-me com força contra elas e sentia como se em mim entrasse aquele calor forte e seco.

Assim o rapaz partiu com a sua namorada para sempre, partiu, havendo-me devolvido de passagem a vida.